

NOSSOS CLÁSSICOS

ALEXANDER VON HUMBOLDT

“Digno de respeito tão somente o naturalista, que é capaz de descrever e representar o objeto mais estranho e insólito em seu sítio original, em seu verdadeiro elemento, juntamente com aquilo que o cerca. Como eu gostaria de, ao menos uma vez, ouvir Humboldt narrar suas experiências!” (registro no diário de Ottilie, personagem de “As afinidades eletivas” de Goethe (2014 [1809], p. 224).

Reconhecido pela historiografia da Geografia como co-fundador – ao lado de seu amigo e compatriota Carl Ritter (1779-1859) – da ciência geográfica moderna, Alexander von Humboldt (1769-1859) é uma destas figuras raras que surgem na história das ciências quicá uma vez a cada século capazes de aliar um vasto conhecimento empírico e uma sólida formação e fundamentação filosóficas a uma ampla sensibilidade estética e a um profundo sentido ético consubstanciados na produção de uma forma de saber que não se compreende dissociada das linguagens que o medeiam, o traduzem e o expressam, e que não se permite limitar nem delimitar, porquanto sua premissa fundamental remonta à unidade e organicidade da totalidade do mundo e à indissociabilidade entre matéria e espírito.

Ao longo dos últimos 60 anos, aproximadamente, as pesquisas acerca da ciência humboldtiana experimentaram ciclos de impulso. Em 1959, quando do bicentenário de sua morte e sobretudo com a publicação da mais importante biografia de Humboldt do século XX escrita por Hanno Beck (1971[1959]); em 1969, por ocasião das comemorações do bicentenário de seu nascimento e, por fim, na sequência da publicação dos sete volumes da *Studienausgabe* (edição de estudo) (HUMBOLDT, 2007 [1987-1997]) organizada por Hanno Beck, quando do bicentenário do início da grande empreitada de Humboldt rumo às Américas comemorado em 1999, trabalhos de importantes nomes da historiografia da Geografia alemã tais como Ernst Plewe, Hanno Beck, Manfred Büttner, Gerhard Hard, Hans-Dietrich Schultz e Ulrich Eisel bem como de filósofos e historiadores de outros campos do saber, dentre os quais merecem destaque Adolf Meyer-Abich e Kurt-Reinhard Biermann, serviram de estímulo a um retorno à *Humboldtsche Wissenschaft*. De lá pra cá um crescente e permanente interesse não apenas pela ciência humboldtiana, mas também pela linguagem humboldtiana vem ganhando

força dentro e fora da Geografia e para além do mundo germanófono. Expressão maior desse movimento é sem dúvida a rede de pesquisadores organizada pelos professores Ottmar Ette (*Universität Potsdam*) e Eberhard Knobloch (*Technische Universität Berlin*) em torno da *Revista Internacional de Estudos Humboldtianos* (*Internationale Zeitschrift für Humboldt-Studien*), que se tornou desde os anos 2000 o mais importante veículo de divulgação das pesquisas e reflexões que vem sendo elaboradas nas mais diversas regiões do mundo sobre e a partir do pensamento de Humboldt e de seus colaboradores.

Também no Brasil observa-se um crescente movimento de retorno à Humboldt, curiosamente iniciado fora da Geografia, com a publicação, em 2003, da tese de doutorado defendida um ano antes por Lúcia Ricotta junto ao programa de pós-graduação em História Social da Cultura da PUC-RJ.

Com o fito de contribuir para a compreensão das múltiplas facetas da ciência e da linguagem humboldtianas entre nós geógrafos de fala portuguesa, este volume da *GEOgraphia* traz algumas reflexões de Alexander von Humboldt desconhecidas do grande público em geral que desvelam um pouco de seu caráter, de suas afinidades eletivas (*Wahlverwandtschaften*) e que ecoam marcadamente em sua consciência de mundo (*Weltbewußtsein*), forjada com base no profundo diálogo entre Ciência, Filosofia e Artes, formas de saber que se apresentam hoje de modo sobremaneira estanque, mas que em Humboldt emergem e se relacionam como irmãs siamesas.

A primeira dessas reflexões, que compreende duas passagens contidas no *Kosmos*, foi objeto de contemplação de Ottmar Ette (2002) que, à maneira humboldtiana, buscou dar-lhes plasticidade ao esboçá-las sob formas imagéticas que fossem correspondentes, de certo modo, aos seus respectivos sentidos. A segunda delas, um dentre os vários textos autobiográficos redigidos por Humboldt durante a sua viagem à América, mas que por sua vontade expressa permanecera por mais de um século e meio sem ser publicado. A terceira, uma anotação de Humboldt num de seus vários diários de viagem, em que trata do problema fundamental das colônias, antecipando em muitos aspectos a perspectiva defendida pelos teóricos da (pós ou des)colonialidade do saber-poder e, por fim, um mapa publicado há exatos duzentos anos em que Humboldt reelabora e aperfeiçoa um quadro esboçado por seu amigo, o grande poeta alemão Johann Wolfgang Goethe, quando este, completamente admirado e impressionado com a leitura da *Geografia das Plantas* com a qual Alexander lhe presenteara, resolve sintetizar numa única imagem aquele conjunto de saberes que relacionava a distribuição geográfica das plantas em conformidade com as condições climáticas e altimétricas nas diferentes zonas do globo terrestre.

Oxalá o retorno a Humboldt torne-se um hábito também entre nós geógrafos brasileiros.

Leonardo Arantes

Referências:

- Arantes, Leonardo. (2015) *A Geografia do Holismo e o Idealismo Alemão: Um Estudo de Afinidades Eletivas*. Niterói. Tese de doutorado em Geografia da UFF.
- Beck, Hanno. (1971) [1959] *Alexander von Humboldt*. Ciudad de México: Fondo de Cultura.
- Ette, Ottmar. (2002) *Weltbewußtsein: Alexander von Humboldt und das unvollendete Projekt einer anderen Moderne*. Weilerswist: Velbrück Wissenschaft.
- _____. (2009) *Alexander von Humboldt und die Globalisierung: Das Mobile des Wissens*. Frankfurt am Main und Leipzig: Insel Verlag.
- Goethe, Johann Wolfgang. (2014) *As afinidades eletivas*. São Paulo: Peguim e Companhia das Letras.
- Humboldt, Alexander von. (2007) [1987-1997] *Studienausgabe*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 7 vols.
- Ricotta, Lúcia. (2003) *Natureza, Ciência e Estética em Alexander von Humboldt*. Rio de Janeiro: Mauad.

**Aquilo que, num
horizonte restrito, em
nossa cercania, permaneceu por
muito tempo inexplicável ao espírito
investigador, frequentemente é esclarecido através
de observações que foram feitas em excursões nas
mais longínquas regiões. Formas vegetais e animais, que
há muito apareceram de maneira isolada, enriquecem - se
umas às outras através de estruturas mediadoras recém
descobertas ou por meio de formas transitórias. Um
encadeamento geral, não num sentido linear simplório,
mas sim como uma malha entrelaçada em forma de rede,
após conformação superior ou degeneração de certos
órgãos, após múltiplos balanceamentos na
relativa superioridade das partes,
apresenta-se aos poucos à faculdade
da sensibilidade daquele que
investiga a natureza.**

Alexander von Humboldt, *Cosmos, volume 1*, p.37

**Cada objeto
investigado é apenas
um degrau para algo superior
no fatalístico decorrer das coisas.**

Alexander von Humboldt, *Cosmos, volume 2*, p.337
(in: ETTE, Ottmar. (2002) *Weltbewußtsein*. Weilerswist: Velbrück Wissenschaft, p.7)

Eu sobre mim mesmo

(*Meu percurso até me tornar naturalista e viajante-pesquisador – 1769-1790*)¹

O desejo de visitar continentes distantes e de ver os produtos do mundo tropical em seu lar despertou em mim apenas quando eu comecei a me ocupar com Botânica. Até os meus dezessete, dezoito anos todos os meus desejos estavam restritos ao meu lar. Se, por um lado, nossa² educação literária fora tão minuciosa, por outro, tudo o que se referia às ciências naturais e à química havia sido negligenciado. Circunstâncias aparentemente insignificantes têm, com frequência, a influência mais decisiva sobre uma vida humana ativa e, deste modo, é preciso buscar frequentemente nestas circunstâncias os vestígios dos importantes acontecimentos. O conselheiro da corte Heim, de quem a *Gymnostomum Heimii* leva o nome e que, juntamente com o jovem Muzel foi amigo, desde há muito, de Sir Joseph Banks, era nosso médico da família. Ele tinha uma grande coleção de musgos e certa vez ele se deu ao trabalho de explicar a classificação de Lineu ao meu irmão mais velho. Ele, já antes versado no grego, decorou os nomes, eu coleí líquens e musgos no papel, e em poucos dias todo o nosso prazer com a Botânica havia desaparecido novamente. Heim conseguiu para o nosso vizinho – o Senhor von Burgsdorf, que dispunha de coleções dendrológicas – um chamado para botânico. Lá eu vi Gleditsch e muitos sócios da sociedade de naturalistas – figuras estropiadas cuja fama me causava de todo modo mais repugnância do que amor pelas ciências naturais. Minha inclinação juvenil tinha sido desde sempre o serviço militar. Meus pais me fizeram recuar à força e imaginou-se que eu estivesse a fim daquilo que na Alemanha se chama Ciências Camerais, uma arte de governo mundano, a qual apenas se compreende quando se sabe absolutamente tudo. Isto tudo eu deveria aprender com um alto funcionário, e um edital de arrendamento teria sido o máximo de meu conhecimento cameralístico. Um sábio meio louco, o Prof. Wunsch em Frankfurt no Oder, deu-me aulas particulares sobre a economia de Beckmann. Ele iniciou com conhecimentos prévios de Botânica. Sua própria ignorância e seu discurso estavam tão longe de insuflar em mim vontade pela Botânica, e ainda assim reconheci que eu não podia, sem conhecimento botânico, compreender um livro tão excelente como a economia de Beckmann. Por acaso nós possuíamos Flora Berolinensis de Willdenow. Era um inverno duro. Comecei por classificar plantas, mas a estação do ano e a escassez de

¹ Humboldt, Alexander. *Ich über mich selbst (Mein Weg zum Naturwissenschaftler und Forschungsreisenden 1769-1790)*. In: Humboldt, Alexander von. *Aus meinen Leben: Autobiographische Bekenntnisse*. Munique: C.H. Beck, 1987, p. 31-40.

Nas “Observações preliminares”, o organizador desta coletânea por ele intitulada “*Da minha vida: confissões autobiográficas*” Kurt-R. Biermann relata ter Humboldt redigido este texto no dia 04 de agosto de 1801, durante sua estadia em Santa Fé de Bogotá. Em novembro de 1839 Humboldt teria expressado seu desejo de jamais publicá-lo. Tais confissões viria à luz, contudo, em 1969, quando das comemorações do bicentenário de seu nascimento.

² Humboldt emprega o pronome “nossa” porque seu processo formativo se deu juntamente com o de seu irmão dois anos mais velho Wilhelm von Humboldt, que viria a se tornar um grande estadista e filólogo. [N.T.]

ferramentas tornou impossível qualquer progresso. Nós deixamos Frankfurt no Oder e eu passei um ano de novo em Berlim, onde Zöllner lecionou sobre tecnologia. Senti novamente a necessidade de conhecimentos botânicos, atribuí-me com novo fervor em classificar plantas segundo Flora de Willdenow. Construí então um herbário formal e apenas assim me foi permitido pela primeira vez caminhar; tomei a decisão de procurar, sem recomendação, o próprio Willdenow. Que conseqüências teve esta visita para o resto de minha vida! Sem ela estaria eu escrevendo estas linhas no reino de Nova Granada?! Encontrei em Willdenow um jovem ser humano que de antemão harmonizava infinitamente com minha essência. Sua Natureza [...] Ele classificava plantas para mim, eu o assediava com visitas. Conheci novas plantas estrangeiras. Ele me presenteou com uma Halm *Oryza sativa* [uma planta de arroz], que Thunberg trouxe do Japão. Vi pela primeira vez em minha vida as palmeiras do jardim zoológico; despertou-se em mim uma atração infinita em ver produtos estrangeiros. Em três semanas eu me tornara um entusiasmado botânico. Willdenow havia anteriormente sustentado a ideia de fazer uma viagem para fora da Europa. Acompanhá-lo era o desejo que me ocupava dia e noite. Eu recorri a toda flora de ambas as Índias, comprei juntas todas as cascas da farmácia, demorei-me com agrado junto a um pé de arroz em meu herbário e me acostumei a alimentar desejos independentes por coisas amplas e desconhecidas. Em Göttingen vivia apenas para a História Natural e para as línguas, pelas quais perdurou minha amizade com Woltmann e pela vaidade, mais do que por atração verdadeira. Lá encontrei Link e Persoon, com os quais fometei uma sociedade literária. Persoon era do Cabo de Boa Esperança. Já não compreendia como se poderia preferir a Europa ao Cabo. Construí herbário em Harz em 1789, viajei com Steven van Geuns a maior parte da Alemanha ocidental. Minha atração por viagens e por contemplar crescia e meu apreço apaixonado pelo gênio de Stieglitzen e seu desprezo de minhas ocupações em História Natural somente estavam em condições de me colocar em contradição comigo mesmo. Eu sonhava às vezes com ambas as Índias, mas a mim não se tornava clara a possibilidade de uma tal viagem.

Meu irmão Wilhelm havia chamado a atenção de Jacobi e Georg Forster por seu gênio. Ambos me receberam por isto de maneira amigável em Düsseldorf e em Mainz, e posto que a esperança de ganhar dinheiro na Inglaterra lançou Forster para Londres (ele queria editar sua *Species plantarum*), deste modo, ele me ofereceu de acompanhá-lo. À época eu estava doente, em março de 1790, em Göttingen, e ocupado com a edição de meu primeiro produto literário, os basaltos no Reno. Todavia, com que alegria eu participei desta viagem! A despeito desta – como cada convivência próxima entre seres humanos, sobretudo com o caráter mesquinamente vaidoso de Forster – ter me distanciado mais do que me aproximado dele, a convivência com o circum-navegador teve mesmo grande influência sobre minha atração pelo mundo tropical. Esta melancolia foi completamente despertada tanto com o olhar do oceano todo espalhado, móvel e conector de terras, o qual vi pela primeira vez em Ostende, quanto com a pequena travessia de Hellevoetsluis para Dover. O acaso quis que eu (a despeito de termos viajado em um barco de pesca

miserável e com um tempo tempestuoso) não ficasse doente no mar. Na sequência, jamais fiquei doente, e esta circunstância me deu sustância mesmo e tornou viagens marítimas longas menos terríveis. Morei em Londres de maneira muito solitária na casa de um peruqueiro alemão, Senhor Muller, Plumtree-street. Forster tinha se alojado junto a seu cunhado, o orador da corte Schrader, que lhe atormentou com traduções da bíblia e aplauso da corte (ele era leitor das princesas reais). Num país onde os habitantes visitam ambas as Índias de 4 a 5 vezes, e onde se é conhecido os produtos dos mais distantes continentes tanto quanto os seus, o acompanhante do capitão Cook não causou de modo algum grande sensação. Isto que se pode chamar em Forster espírito e gênio em estado de fusão, não faz nenhum sentido aos ingleses. Eles buscam talentos poéticos decisivos, filosofia profunda ou sabedoria fundamental. Uma mistura de tudo isto, um ser humano que de tudo possuísse apenas um pouco e que fosse mais forma do que matéria, podia, assim, interessar a poucos. Além disto, Forster não podia falar alemão em Londres, e os moldes segundo os quais ele havia sido formado, eram o alemão, Kant, Schiller... Seus voos mais altos eram intraduzíveis e incompreensíveis. Com as especulações monetárias não era melhor. As recomendações do príncipe Adolph à princesa de Wales, as do general Schlieffen e do venerável antigo Fagel (em Haag, da qual recorro com alegrias) ao Pitt podiam surtir pouco efeito com as infâmias que o pai de Forster disseminou no Tableau d'Angleterre sobre a corte, e com o barulho mínimo que ele fez enquanto sábio. Banks tinha sido desde sempre, como reação acompanhada de inveja, contra tudo que quisesse abstrair-se de sua soberania, o inimigo da família Forster. A Genera platarum, a qual se atribui a Sparrmann, die Plantae esculentae e Florula insularum australium, as quais foram forjadas às pressas sobre herbários muito pobres, do mesmo modo não haviam ampliado a atenção de Banks. O que era, no jovem Forster, verdadeiramente grande e raro, o tratamento filosófico dos objetos da História natural, uma obra como o artigo sobre guloseimas..., ao contrário, não fazia nenhum sentido para Banks. Quanto mais mal-humorado Forster ficava na Inglaterra, tanto mais ele se recolhia em meu isolamento. Nossa estadia na Holanda, passeios que eu fiz ao longo das dunas verdes brenhosas na praia de Haag, a vista dos estaleiros de Amsterdã, a estreita amizade com o jovem Hohlenberg (que em seguida fez época na marinha dinamarquesa) preencheram minha imaginação calorosa com formas vistas de coisas distantes. Num ânimo juvenil que ao longo de dezoito anos foi maltratado na casa paterna e empurrado à força numa natureza arenosa precária, ânimo este que queima e incandesce maravilhosamente quando abandonado à sua própria liberdade, grava num instante um mundo de coisas em si. Meu quarto em Plumtree-street estava tomado com os cobres de um barco das Índias orientais que havia naufragado em uma tempestade. Lágrimas calorosas escorriam com frequências por minhas bochechas quando eu, ao acordar, pregava os olhos sobre estes objetos. Eu aspirava por coisas que antes jamais esperava obter. Imaginei-me que apenas a solicitação de um governo pudesse me conduzir a uma viagem naquele continente como a de Cook, e minhas relações em Berlim, o constrangimento ao qual eu estava acostumado, apresentaram-me como impossível

o que há anos executei. Quando nós avistamos a costa inglesa primeiramente próximo à torre de Oldborough, minha faculdade de imaginação retratou no sonho a Table Mountain e Drakensberg. Acreditava estar atracado na Cidade do Cabo e com o sol nascente o doce sonho havia desaparecido. Um desejo como este que me acompanhou eternamente, a ambição por terras nas quais nós estivéssemos separados por espaços sem fronteiras dos nossos, lisonjeava a vaidade juvenil por causa da energia na qual nós mesmos nos imaginamos, mas existe paralelamente à nossa essência um estado de ânimo melancólico no qual nós sentimos os ‘deleites das lágrimas’. As colinas de Highgate e Hempstead eram meus passeios preferidos em Londres, nos caminhos eu lia anúncios de arrendamento segundo costume inglês: ‘Pessoas jovens que querem buscar sua sorte fora da Europa se inscrevam aqui ou acolá como marinheiro, escrevão... encontre acolhimento. O barco está de partida para Bengala.’ Com que sentimentos eu lia tais convites! A entrada em uma tal casa separou-me para sempre (segundo costume da imprensa inglesa) de meu mundo pátrio, de um retorno a Berlim que pairou sobre mim como um temporal nebuloso. A frequência com que hesitava em minhas decisões beirava a uma brincadeira. Registrava as tolices juvenis cuidadosamente porque elas aclaravam o que antigamente procedia dentro de mim. Ocupação com as ciências naturais e fins científicos tinham estimulado em mim o desejo pelo mundo tropical. A complacência distinta com a qual Sir. Joseph Banks me tratou, a vista de suas coleções, o mundo material e humano indígena de sua casa, Hodges, Alexander Dalrymple, Webber, este convívio fortaleceu meu fervor pela História natural. Todavia, na época a atração por viagens marítimas tomou um outra forma, a fonte tornou-se diferente. Tivesse eu navegado no mais distante Mar do Sul [oceano Pacífico] e jamais teria realizado um fim científico. Sentia-me limitado, angustiado. Uma indeterminada ambição pelo distante e pelo incerto, tudo que agitava fortemente minha imaginação, o perigo do mar, o desejo de tornar-me aventureiro e de transferir-me de uma natureza cotidiana comum para um mundo maravilhoso, incitavam-me antigamente. Além disto, a mim isto me parecia o único meio de aproximar-me do estado de natureza. Viagens à pé com um ser humano unilateral, porém, genial, Friedrich Hesse, rumo à Allmerode e Allendorf (1798); o encanto romântico daqueles vales rochosos tinham me trasladado a um estado de ânimo poético que poderia ter sido perigoso aos progressos de minha faculdade de julgar. Tudo o que se referia às relações burguesas tornou-se desprezível para mim, cada pachorra da vida horrível e do mundo mais refinado me causa repugnância. Vivía num mundo ideal que me subtraía do mundo real. A convivência com seres humanos mais rudes, a organização estudantil dos unitistas interessavam-me de maneira penosa. A ausência de Wilhelm (ele estava em Paris com Campe) ampliou a crise. Escrevi cartas malucas aos meus amigos e me tornei a mim mesmo a cada dia mais incompreensível.

Minha viagem com Forster nas montanhas de Derbyshire ampliou aquele estado de ânimo melancólico. A escuridão das montanhas de Casteltoner disseminou-se sobre minha imaginação. Eu chorava com frequência sem saber por que, e o pobre

Forster se atribulou em descobrir o que de tão obscuro residia em minha alma. Com este estado de ânimo retornei a Mainz passando por Paris. Eu tinha forjado planos distantes.

Julgamento fundamental acerca do sistema colonial³

Colônias

A um homem sensível as colônias europeias não podem ser agradáveis para um estadia prolongada. Um homem sensível sofreria mais do que um homem formado. Este último produzirá a conexão com a Europa, ele disporá de livros, instrumentos; o mesmo interesse que a natureza dos trópicos inspira o fará esquecer a carência de cultura científica nas Índias. Será fácil disseminar as luzes nas colônias, mas não será fácil converter os homens em doces, amáveis e sociais... De onde provem essa carência de moralidade, de onde vem estes sofrimentos, este mal-estar no qual todo homem sensível se encontra nas colônias europeias? O fato é que a própria ideia de colônia é uma ideia imoral, é a ideia de uma terra que se torna tributária de uma outra, de uma terra na qual se deve chegar apenas a um certo grau de prosperidade, na qual a indústria, as luzes devem se expandir até um certo ponto. Pois para além deste ponto a mãe-pátria, segundo as concepções naturalizadas, ganharia menos, para além desta mediocridade a colônia se tornaria muito forte, e a ponto de se sustentar a si mesma ela se tornaria independente. Todo governo colonial é um governo de desconfiança. Distribui-se aí a autoridade não segundo o bem-estar público que os habitantes exigem, mas segundo a suspeita de que esta autoridade pode se unir, se ligar demasiadamente a favor da colônia e vir a ser perigosa aos interesses da mãe-pátria. Quanto maiores forem as colônias, tanto mais consequentes serão os governos europeus em sua maldade política e tanto mais a imoralidade das colônias deverá se ampliar. Busca-se sua segurança na desunião, separa-se as castas, aumenta-se seu ódio e suas dissensões, queixa-se hipocritamente de seu ódio mútuo, proíbe-se lhes de se unir através do matrimônio, protege-se a escravidão, porque o governo, quando todos os demais meios escassearem, pode um dia tomar medidas, as mais cruéis dentre todas, que é aquela de armar os escravos contra seus senhores, de deixar degolar antes que se seja degolado, o que será sempre o fim desta horrível tragédia. Dá-se emprego apenas a novos ricos e a homens comuns que a fome exila da Europa, permite-se lhes menosprezar publicamente os nativos da colônia, envia-se pessoas que chupam o sangue de crioulos⁴, e fala-se sem cessar dos bens que eles abandonaram para se estabelecer numa terra onde tudo lhes desagrade, onde o céu não é azul, onde a carne não tem gosto, onde tudo é desprezível e, todavia, eles não abandonam. Os empregados europeus de origem humilde, mas que enriqueceram pelo abuso que fizeram da autoridade confiada, vangloriam-se de seus empregos. Os crioulos por reação

³ Humboldt, Alexander von. *Grundsätzliche Verurteilung des Kolonialsystems*. In: Humboldt, Alexander von. *Lateinamerika am Vorabend der Unabhängigkeitsrevolution. Eine Anthologie von Impressionen und Urteilen*, aus seinen Reisetagebüchern zusammengestellt und erläutert durch Margot Faak. Berlin: Akademie-Verlag, 1982, p. 63-57.

⁴ Por “crioulo” entende-se aqui aquele que descende de europeu, porém nascido na América espanhola. [N.T.]

buscam a cruz e o título, pelos quais a mãe-pátria adula sua vaidade e seu feito de doce sangria. Esta mesma reação produz um ódio mortal entre os europeus e os crioulos; o filho detesta o pai. A medida que o ódio à mãe-pátria aumenta, cresce o amor pela terra natal. Busca-se formar-se de falsas ideias sobre tudo. Acredita-se que Caracas e Lima é mais cultivado que Madri, ama-se as outras nações inimigas da Espanha, deseja-se ver nada mais caloroso que Londres ou Paris e embebeda-se da grandeza da casa paterna e da atenção pela qual a aristocracia se faz valer na América, encontra-se deslocado, muito pouco honrado e retorna-se a uma terra onde se diz viver com liberdade porque se pode maltratar impunemente seus escravos e insultar os brancos se forem pobres. Os governos europeus obtiveram tanto êxito na disseminação do ódio e da desunião nas colônias que quase não se conheceria nelas os prazeres da sociedade; ao menos todo divertimento durável no qual muitas das famílias deveriam se reunir tornou-se impossível. Desta posição nasceria uma confusão de ideias e sentimentos inconcebíveis, uma tendência revolucionária geral. Porém, este desejo se limita a banir os europeus e a colocá-los em guerra uns contra os outros.

Um bispo esclarecido, o de Trujillo, a quem eu falei sobre as causas da perpetuação das colônias, disse-me num tom muito enérgico: é tão difícil para um europeu permanecer homem honesto neste clima onde reina a impunidade até no clero, que eu peço todos os dias a Deus que ele não me deixe morrer aqui, pois sem dúvida eu estarei lascado.

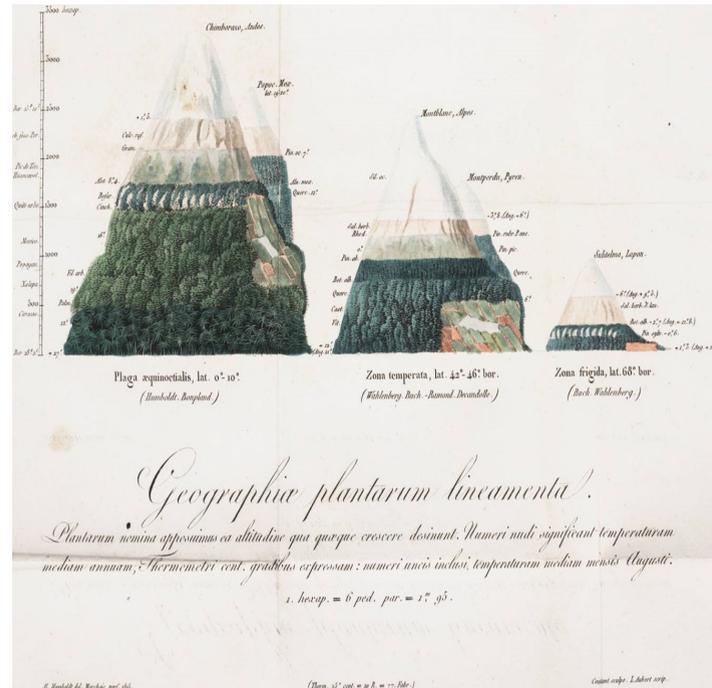
Quanto maiores forem as colônias e quanto maiores forem os males, tanto mais ampla será a desconfiança do governo. Por isto as ilhas seriam mais habitáveis que as grandes colônias do continente. Lá as famílias brancas se odeiam menos, elas se mudam lá com maior frequência, retornam a Europa, o ódio é aí menos antigo, há menos funcionários. Entretanto, há aí um outro horror que torna as ilhas muito menos habitáveis que as demais colônias: são os negros, que em nenhuma parte existem em maior número e são mais maltratados. Em nenhuma parte um europeu deve ter mais vergonha de estar do que nas ilhas, sejam francesas, sejam inglesas, sejam dinamarquesas, sejam espanholas. Disputam qual nação trata os negros com mais humanidade, isto é, fazem piada com a palavra humanidade e perguntam se é mais agradável ser cortado ou esfolado, perguntam se os espanhóis fizeram mais crueldades no Peru do que na Venezuela, se os espanhóis fizeram mais na América do que os ingleses e franceses nas Índias orientais!! Os fundadores da primeira constituição francesa com certeza não se equivocaram nos princípios, embora eles os tenham frequentemente aplicado de maneira perigosa e com precipitação. Eles aboliram o nome “colônia”, viram suas possessões remotas como partes integrantes da República, deram-lhes um direito igual à felicidade, ao governo. Eles teriam feito melhor em fazer delas pequenas repúblicas unidas e dependentes da França. O que a Inglaterra perdeu em seu comércio com a América do Norte depois da independência? Esta mesma América do Norte era mais habitável após sua revolução; lá as famílias estavam menos em dissensão, a colônia a partir disso era muito mais fácil de se revolucionar, porque a Inglaterra já lhe teria cedido muitos

direitos, porque eles já apreciavam um tipo de governo provincial próprio a unir os espíritos e a tornar os homens amados e generosos tais como os que vimos nesta grande República nascente.

Postula-se mesmo uma espécie de impunidade para os chapetones⁵ nas colônias. Não se trata apenas de uma opinião das camadas populares, de que os chapetones não podem ser enforcados, mas eu sei que um advogado defendeu esta tese numa audiência para salvar um assassino que teria matado 4 – 5 homens, embora uma tal lei jamais tivesse existido. A opinião vulgar disseminada entre a gentilha europeia se funda sobre o fato de que os juízes europeus, na maioria das vezes, protegem os assassinos que são seus compatriotas.

⁵ “Chapetones” ou “peninsulares” eram aqueles nascidos na mãe-pátria que se dirigiam à colônia a fim de ocupar altos cargos administrativos, militares e religiosos, representando os interesses da Coroa.

A distribuição geográfica das plantas segundo a temperatura atmosférica e a altitude das montanhas



Humboldt, Alexander von. *De distributione geographica plantarum secundum coeli temperiem et altitudinem montium* (1817). [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://lhdigital.lindahall.org/cdm/ref/collection/darwin/id/599>. Arquivo capturado em 05 de janeiro de 2017.